

**DESLIZES DE SENTIDO: razão, fé e moralidade
na produção literária de Mariana Coelho.**

Alexandra Padilha Bueno*

RESUMO: O presente trabalho é fruto de algumas indagações sobre a produção cultural de Mariana Coelho, educadora e intelectual portuguesa que viveu em Curitiba durante cerca de meio século. A análise se centrará na obra *Cambiantes* (1940) que trata-se de uma coletânea de escritos da autora de várias épocas, do início do século até meados da década de 1930. Nesse trabalho procuramos estabelecer as relações entre esta obra e o contexto da escrita e da publicação da mesma.

Palavras-chave: *Intelectuais, História do Paraná, Mariana Coelho.*

ABSTRACT: This work is a result of questions about the cultural production of Mariana Coelho, portuguese educator and intellectual, who lived in Curitiba during the mid century. The project will focus on the author's work "Cambiantes" (1940), a collection of her writings from different periods in time, from the beginning of the century to the mid 1930s. In this work, we will try to establish the correlation between the author's work "Cambiantes" with the context, from the writing of the work to its publication.

Key-words: *Intellectuals, History of Paraná, Mariana Coelho.*

INTRODUÇÃO

Participante ativa da vida intelectual curitibana, Mariana Coelho chegou a Curitiba em meio a mudanças estruturais que aconteciam no campo político, cultural e social do país e que reverberavam, embora de maneira ainda tímida, na capital paranaense. A população vivia então uma intensificação das relações sociais e das trocas culturais, seja pelo aumento de transeuntes que na época se aglomeravam nos espaços públicos, seja pela ampliação e circulação da imprensa local, regional e nacional. Assim como o comportamento da população se modificava adaptando-se ou opondo-se ao *progresso* que chegava inevitável, também os conflitos intelectuais impulsionados pela recém inaugurada República brasileira provocaram na intelectualidade paranaense o desejo de participar do debate público acerca dos destinos da nação.

Tentando inscrever a escrita de Mariana Coelho em sua experiência social, podemos vislumbrar o que significou para esta mulher estar inserida em um campo intelectual formado

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de História e Historiografia da Educação, Universidade Federal do Paraná. Orientador: Professor pós-doutor Carlos Eduardo Vieira.

basicamente de *homens* de letras. Homens de uma elite ilustrada, conservadora, ainda que, em vias de transformação pela experiência intelectual e por uma realidade social que se modificava cada vez mais rápido, marcada pelas inovações técnicas que impunham novas formas de comportamento e sensibilidade daqueles que dela participam.

Complexa e plural a escrita de Mariana Coelho, marca um lugar, acompanha os debates do período e suscita questões do seu tempo. Mariana Coelho manteve sempre uma relação estreita com os intelectuais de seu contexto, participando de centros de cultura importantes de Curitiba, como o Centro de Letras do Paraná, o Club Curitibano e também atuou no sentido de abrir esses espaços as mulheres.

Neste sentido, entendemos Mariana Coelho como uma intelectual que, faz existir publicamente, abertamente, por meio das palavras, coisas que só existiam no estado implícito, assinalando um ato fundador. Tal como destaca Bourdieu (1990), representando, trazendo à luz o que era confuso, sustentando o poder simbólico de nomear, que se dá por meio de sua atuação no campo simbólico e ideológico. (p. 179)

É por acreditar na capacidade de Mariana Coelho de traduzir seu contexto, categorizando as experiências e formas de pensar, de conceber o mundo, sendo porta-voz de seu contexto, que investimos na análise desta intelectual. Uma intelectual que como ela acompanhou mudanças significativas no campo das idéias, e que também presenciou o nascimento e desenvolvimento da *urbe* curitibana, com um desenvolvimento sem precedentes no campo das ciências e das novas tecnologias, que modificaram profundamente os modos de vida e as práticas sociais da época, deixou plasmado por meio da linguagem, vestígios dessas transformações.

ENTRE BRASIL E PORTUGAL: “*Memórias*” *luzitanas*

Neste primeiro momento do trabalho, procuramos resgatar alguns aspectos da vida de Mariana Coelho que consideramos relevantes para marcar seu lugar social. Mariana Coelho nasceu em Portugal em Vila Sabrosa, distrito de Vila Real, provavelmente no ano de 1857. Os verbetes e trabalhos escritos sobre ela não dão conta de precisar sua data de nascimento. No trabalho de doutorado de KAMITA (2005), considerado o mais consistente escrito sobre a intelectual, a autora mostra que as divergências entre as datas de nascimento de Mariana Coelho se dá em função de que os documentos oficiais, tais como a certidão de óbito, dicionários e outras obras biográficas, apontam que ela teria falecido com cerca de 70 anos,

entretanto aqueles que conviveram com Mariana Coelho e que foram consultados afirmam que ela certamente viveu mais¹.

Até o presente momento as fontes não foram suficientes para precisar a formação inicial de Mariana Coelho, mas as mesmas dão conta de que ela reunia qualidades que lhe permitiram participar e ser aceita na elite cultural de Curitiba. Um de seus irmãos, Carlos Alberto Teixeira Coelho, que fixou residência em Ponta Grossa no ano de 1893, teve sua formação inicial na Universidade de Coimbra, iniciando o curso de medicina e formando-se em Farmácia. De profunda erudição, Teixeira Coelho falava francês, grego e latim e participou intensamente da vida intelectual da região dos campos gerais, atuando como jornalista no periódico “Gazeta dos Campos” e como diretor em 1905 do jornal “Luz Essência” de orientação maçônica.

O irmão de Mariana Coelho manteve intensa correspondência com Rui Barbosa e Cândido Figueiredo. Com uma vida ativa, manteve-se alinhado aos intelectuais livre-pensadores do início do século fundando inclusive, junto com a irmã, uma revista literária, “O Escapello”, que circulou no ano de 1908 na região de Ponta Grossa como órgão do “Centro Livre-Pensador” da mesma cidade. Pombo (1908) ao falar de Teixeira Coelho assim se expressa, “[...] homem de letras, poeta e prosador, que não é desconhecido no velho reino. No Paraná tem ele feito jus às simpatia e à alta estima das boas rodas.” (p. 11)

A dedicatória que Mariana Coelho faz ao irmão na obra *A Evolução do Feminismo: Subsídios para sua História*, expressa que fora o irmão que a inseriu no campo intelectual: “À tua bondosa memória, querido irmão de sangue e de espírito – guia solícito dos meus primeiros passos literários [...]” (s.p., COELHO, 1933) Mariana Coelho foi uma mulher que usou de sua capacidade intelectual e de suas amizades e influências familiares para escrever e publicar. Entendemos que não é possível pensar em mulheres como Mariana Coelho, filhas de uma elite letrada que viveram a experiência social do entresséculos, sem atentar para o papel que as famílias tiveram na sua formação cultural.

A erudição que Mariana Coelho herdou da experiência cultural lusitana pode ser medida tanto por sua atuação em diferentes frentes como movimentos sociais e políticos, nos quais as mulheres do contexto curitibano na época², raramente se incluíam, quanto pelas muitas citações que faz de autores, sociólogos, cientistas, filósofos e psicólogos, entradas pelas quais ela justifica sua escrita e se sente autorizada a escrever.

¹ Outras obras de referência mencionam os anos de 1872, 1873, 1857 e 1858.

² Entre eles podemos citar seu engajamento no movimento feminista, o anticlericalismo e a maçonaria feminina.

A articulação que manteve permanentemente no Brasil com instituições e intelectuais estrangeiros, em especial com os portugueses é mais um indício de como o fato de ser estrangeira a favorecia e lhe dava autonomia para circular no campo intelectual. A revista feminista “Revista de Arte” de Lisboa, publicou em dezembro de 1933, uma nota positiva comentando a obra *A Evolução do Feminismo: subsídios para sua história*, e inclui nos números seguintes a publicação de dois capítulos do livro. (COELHO, 1940, p. 131) O livro também mereceu destaque no *Diário de Coimbra* em 10 de fevereiro de 1934, nota em que o articulista a chama de “[...] uma honrosa individualidade luso-brasileira que pelo coração e pelo talento pertence às duas pátrias irmãs.”

É possível supor que o contato que teve com a cultura lusitana tenha deixado muitos traços no exercício de sua escrita, nas referências que a acompanharam e na correspondência que manteve com a terra natal. É certo também que Mariana Coelho se sentia muito a vontade na capital paranaense e que seu espaço de circulação e permanência entre os *homens de letras* pode ter sido em muito ampliado por sua *herança* lusitana. Sua produção foi marcada por profundo engajamento político e por uma postura crítica em relação à sociedade em que vivia e do lugar social que ocupava nela. Sua personalidade enérgica se deixa entrever nas páginas escritas, nas muitas disputas que travou nos debates públicos e em suas anotações pessoais que marcam suas adesões e disposições.

NOTAS DISSONANTES: A escrita literária de Mariana Coelho

Embora não tenha feito da pena seu ofício, a produção de Mariana Coelho é muito significativa e ganhou espaço e repercussão – positiva ou negativa - na vida intelectual curitibana. Ela não se sente acanhada, nem intimidada pelas afrontas que enfrenta, talvez por isso tenha se aproximado dos livre-pensadores curitibanos.

A obra que escolhemos para analisar, embora literária, nos fornece algumas pistas sobre as visões de mundo de Mariana Coelho e, por se tratar de textos de diferentes épocas, também nos possibilita vislumbrar as modificações que essas sofrem de acordo com os acontecimentos e as mudanças sociais de sua época. Em ampla medida, nos dá a conhecer a complexidade dos conflitos e das suas experiências sociais.

Os escritores desse período tinham como característica a crença de que sua pena era dotada de uma missão social e que escrever sobre o seu tempo fazia parte dessa missão. A literatura neste contexto era o meio pelo qual essa missão se concretizava, nos poemas engajados e discursos inflamados que se multiplicavam nos jornais da época.

Por esse motivo encontramos nos escritos literários de Mariana Coelho imagens de uma sociedade que estava em um momento marcado pela ambiguidade. Essa ambiguidade estava presente no contexto nos discursos dos intelectuais desse período permeada pela idéia de que o homem possuía duas índoles que se mesclavam, uma seria sua natureza selvagem e a outra seu desenvolvimento racional.

Para os intelectuais e literatos da época de Mariana Coelho, embora a parte racional do homem fosse considerada dotada de potencial e capaz de levar a verdade e ao conhecimento, a sua natureza bárbara não poderia ser ignorada, pois estava presente desejando ele ou não, pois era inerente a todos os indivíduos. Como havia sido mostrado pelas pesquisas científicas da época, existia um mundo inconsciente, sobre o qual não teríamos controle, dessa maneira, não apenas os indigentes e criminosos estariam sujeitos à loucura e a barbárie, mas todos os homens. Nas palavras da própria Mariana Coelho, “[...] tudo, portanto, o que vive está sujeito fatalmente às leis naturais, o que atenua indiscutivelmente o facto criminoso – que, por consequência, obedece, em regra, a esta trindade imperiosa: aos caprichos da natureza, á doença, ou às leis do atavismo.” (COELHO, 1940, p. 20)

O contexto do entresséculos é flagrado pela pena de Mariana Coelho com precisão, em *Cambiantes*, as situações apresentadas nos contos, são retratos da experiência social vivida pela autora e revelam como característica principal a crença no poder da ciência para sanar os males humanos. Crença essa que servia também para explicar comportamentos humanos e sociais e até os mistérios do universo. Na obra mesclam-se, religiosidade, moralidade, razão, espiritualidade e política, tudo cercado de um tom irônico.

A humanidade, em decadência, é apresentada na maioria dos contos e geralmente encontra sua explicação nas omissões e imperfeições da civilização moderna. Embora a ciência e a razão entrem na trama como fatores explicativos para resolver os problemas humanos, há em certos contos um tom de descrença diante de um quadro de catástrofes e guerras. No texto de 1925, intitulado *Prazo Fatal*, Mariana Coelho fala sobre as previsões proféticas e catastróficas do ano que se iniciava “[...] representantes da Religião, da Medicina, da Justiça [...] em suma, de todos os que palmilham *escusos* e *tortuosos*, impelidos pela sedutora mola de exagerado mercantilismo e que, portanto, concorrem, qual poderoso iman para atrair calamidades [...]” (COELHO, 1940, p. 116)

A razão humana, responsável por incontáveis e admiráveis descobertas, também dava a antever, através de teorias científico-sociais e das guerras, um futuro de catástrofes: “dos incêndios, inundações, revoluções, epidemias e explosões já nós tivemos a fatalidade de uma *pequena* amostra – e caminhamos, por intermédio da obstinada carestia da vida, para o

maior dos suplícios envoltos na tétrica ameaça: - a fome!” (COELHO, 1940, p. 116). A falta de alimentos o superpovoamento dos espaços e a barbárie ameaçavam a humanidade. Nessa luta pela sobrevivência, escapariam desse prenuncio os povos que reprimissem sua natureza selvagem e dessem lugar a razão, buscando civilizar-se.

Há em todos os textos dessa obra uma forte conotação moral, as mulheres são quase sempre descritas como portadoras de uma força moral inigualável, força essa que pode ser compartilhada com os homens mais fracos moralmente. Como no conto *Eterno Tema*, em que Mariana Coelho constrói uma narrativa apoiada nas bases científicas de Lombroso³ a relação de dois jovens que estavam em flagrante contraste moral e social.

A personagem masculina é um jovem que cometeu um pequeno delito, mas segundo a narradora não poderia ser considerado pela ciência como um criminoso. Na trama esse personagem encontra-se com uma jovem, “delgada, pálida e morena, de vibrátil temperamento nervoso, [...] vivia numa despreocupação toda infantil e peculiar à sua educação e à sua idade. (p. 22)”. Além da alusão clara a personalidade feminina que pode ser tomada como uma generalização fica evidente também que essa personalidade era definida por sua educação. O tema da educação feminina que lhe foi tão caro e que foi retomado diversas vezes por Mariana Coelho. Para ela a maneira como as mulheres de sua época eram educadas lhes tolhia o pensamento e lhes tornava submissas aos homens, portanto, um investimento em uma educação igualitária teria um papel preponderante para evolução do sexo feminino na história da humanidade.

O sentido positivo que vê na personalidade feminina está relacionado superioridade moral que a mesma devia possuir em relação ao homem, e mais do que isso a sensibilidade para regenerar a moral masculina. Nesse mesmo conto, Mariana Coelho reitera essa convicção ao descrever o encontro do *criminoso* com a personagem feminina, “[...] êle se sentia regenerado e moralmente revigorados por ela, pôde apenas soluçar por entre lágrimas que lhe queimavam a face: ‘Obrigado!’” (p. 23).

Entretanto, nas histórias de Mariana Coelho, seus personagens não alcançam a felicidade, no caso de *Eterno Tema*, sua justificativa para um encontro desastrado do destino, “[...] o abismo do contraste moral e social, que se abria tenebroso, hiante... fatal...” (p. 24).

De acordo com Hobsbawm (2001), as incertezas que cercaram a existência humana do entresséculos, levaram a intelectualidade a aderir a um tipo de “religiosidade heterodoxa”.

³ Cesare Lombroso (1858-1909), foi um médico positivista e criminalista. A obra dele citada por Mariana Coelho é “O homem delinquente” (1876). Como criminalista, Lombroso acreditava que por meio da análise de algumas características físicas seria possível determinar precocemente indivíduos que se tornariam criminosos.

(p. 364) Embora possa parecer uma antítese falar em espiritualidade em um contexto em que o discurso científico e racional era hegemônico, essa articulação entre razão, psiquismo e religião era muito comum nessa conjuntura. Várias versões do misticismo, do ocultismo, da magia e da parapsicologia se entrelaçavam formando um novo tipo de religiosidade que era intensamente vivida por esses intelectuais, por outro lado existe uma negação da antiga religiosidade, quase sempre taxada de retrograda e inimiga do progresso e da civilização. (MARACH, 2007, p. 50)

A crença de que a razão e o progresso poderia possibilitar a humanidade alcançar os segredos do universo, foi frustrada. E esse sentimento de impotência diante dos caminhos tomados pelo progresso, deu origem a novas manifestações de fé e do sagrado. Sem conseguir compreender como a razão levou a sociedade a cometer atos de crueldade e irracionalidade, a intelectualidade se vê só em um mundo regido por forças inatingíveis. Diante de um quadro de incertezas e carente de referenciais humanos tudo vira descrença e desalento. A idéia de ciência e razão já não era suficiente enquanto modelo explicativo do mundo, o retorno à religião permitiu que as lacunas fossem preenchidas.

No contexto curitibano diferentes discursos e facetas ideológicas conviveram nesse período, de acordo com Carlos Balhana (1981), que analisa o ambiente intelectual de Curitiba nesse contexto, o debate é fortemente marcado pelo caráter ideológico-religioso que tomou o panorama cultural da capital. A novidade do advento da República, com a separação do Estado e da Igreja, simbolizou para a elite cultural de Curitiba a oportunidade de transgredir a tradição de pensamento e de comportamento que se contrapunha de forma radical a postura filosófica da Igreja Católica, por isso esse grupo foi denominado de anticlerical. (p. 11)

Mariana Coelho esteve atenta a esse debate e não deixou de se manifestar. Em *Cambiantes* (1940) quatro contos são destinados a debater os dogmas da Igreja Católica e sua relação com a sociedade da época. O grupo, de intelectuais a que Mariana Coelho se filiou, os livre-pensadores, usaram o espaço público para *denunciar* os mandos da Igreja Católica e mostrar-se contrários a um conjunto de dogmas, superstições e instituições como o celibato, as missas em latim e principalmente as ameaças de punição pós-túmulo do inferno e do purgatório.

No conto *Página Antiga*, o tema é abordado a partir da referência ao celibato e ao constrangimento que significava a confissão, “[...] confessionários destinados a aliviar a consciência do sexo frágil [...]” (p. 27). Para Mariana Coelho o celibato dos padres era um ato de violência contra a própria natureza masculina, tão frágil diante das paixões humanas. Isso

fica evidenciado na descrição que faz da personalidade da sua personagem e da crise de consciência que passa a sofrer a partir do encontro que tem com o amor ,

O padre Paulo já não era muito jovem; não obstante, na sua fisionomia ao mesmo tempo alegre e retraída, e na sua atitude simultaneamente lhana e hesitante, evitando sempre e muito cuidadosamente enfrentar o perigoso olhar feminino – como se realmente evitasse fitar um abismo – pressentia-se flagrantemente em luta dois sentimentos opostos: o acetismo rigoroso a que devotavam as experiências da sua classe e do qual não queria, absolutamente divorciar, e a sensibilidade natural e consciente do seu *eu*, patenteando-lhe o vácuo imenso que se abria exigente na sua alma ainda virgem do verdadeiro amor (...) (p. 29)

Assim como as outras histórias de Mariana Coelho essa também não acaba bem, o padre opta pelo dogma, “o mártir dos preconceitos sociais e religiosos, acordando do seu intenso e curto sonhar, seguiu curvado ao pêso da relidade esmagadora, envôlto e revoltado naquela vestimenta que agora mais que nunca lhe parecia caricata e que o obrigava á atitude hipócrita com que iludia todo o mundo – menos o seu ermo coração.” (p. 32)

Os contos, *Os Mortos* e *O Dia da Morte*, abordaram o anticlericalismo a partir da perspectiva da morte e do pós-morte. Os dois foram escritos para o Dia de Finados em anos diferentes, 1916 e 1931, no primeiro Mariana Coelho fazia uma alusão a morte enquanto fim inevitável para todos os homens, em suas palavras, “lágrimas e flores [...] mostrando que ao menos ali, na realidade eloqüente do império do Nada se pode desmentir a igualdade dos homens.” (p. 97)

Mostrando-se muito coerente com a espiritualidade de sua época Mariana Coelho procura explicações para a morte e para o pós-morte. Vê a morte como algo que iguala as pessoas,

A morte, porém, na sua fria e imutável impassibilidade, nivela grandes e pequenos – arrastando-os igualmente, fatalmente, do turbilhão das múltiplas paixões mundanas á quietude suprema da eterna paz do túmulo. Como a mais verdadeira e positiva democrata, dita rasoira em todas as divergências das posições sociais: só ela faz baquear o sceptro de todas as realezas. (COELHO, 1940, p. 98)

E baseando suas concepções no filósofo Maeterlinck, comenta que o mesmo fez “pesquisas científicas” e desenvolveu o que ela chama de espiritualismo experimental, nas quais ele amparado pela razão concluiu que o espírito humano não deixaria de existir com a morte. E finaliza “[...] conseqüentes de experiências científicas e da sua inteligência superior, e de demonstração em demonstração, numa inconfundível elevação de ideas, conclui que além da morte o aniquilamento total é impossível.” (p. 125)

Observando os temas e as maneiras como Mariana Coelho expressou sua religiosidade e criticou a religiosidade tradicional podemos dizer que essa intelectual participou daquilo que já nominamos de religiosidade moderna. Isso significou, para além de adesões a credos específicos, uma resposta às inquietações provocadas pela época vivida por ela e pela intelectualidade de então. Ambiguidades e inquietações que permitiam que fé, razão e ciência se fizessem presentes no mesmo discurso, como no trecho abaixo em que Mariana Coelho revela suas convicções sobre sua espiritualidade “a minha inteligência, estimuladas por aturadas e persistentes reflexões, também me diz que não é aceitável a morte completa do nosso *eu*. O espírito deve sobreviver à matéria.” (p. 125)

CONCLUSÃO

O momento histórico vivido por Mariana Coelho, foi um momento de intensas incertezas e muitas ambiguidades. Ao mesmo tempo em que a razão humana foi questionada e que valores sociais foram colocados em dúvida, existia uma crença no papel fundamental que essa mesma razão tinha na vida humana. As dúvidas e questionamentos colocados pelos intelectuais de então fizeram com que alguns intelectuais como Mariana Coelho experimentassem um sentimento de frustração e impotência diante dos rumos tomados pelo progresso.

Esse sentimento provocou nessa elite cultural o desenvolvimento de uma religiosidade distinta da tradicional e livre dos dogmas católicos. Colocando-se em cena pública como defensores do livre pensamento, Mariana Coelho e seus pares discursaram sobre as dificuldades de sua época, defenderam o progresso e a evolução da sociedade brasileira e marcaram uma posição de otimismo frente ao quadro que se apresentava a eles. Para essa autora, bem como para seus pares intelectuais, a história caminhava para a evolução, para uma melhora social, progressivo que se daria tanto na esfera material quanto na esfera moral. Era a inexorabilidade do progresso.

REFERÊNCIAS

- BALHANA, C. A. F. **Idéias em confronto**. Curitiba: Grafipar, 1981.
- BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CARVALHO, J. M. **A formação das almas:** O imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CORDIOLLI, M. O olhar de um ponto diverso: as gêneses de um idílio: a trajetória de Dario Vellozo (1890 – 1909). **Boletim do Departamento de História**, 1988, n. 1, mar., p. 5-26. Série Monografias.

DENIPOTI, C. **A sedução da leitura:** livros, leitores e história cultural (Paraná 1880-1930) Dissertação (doutorado em história). Universidade Federal do Paraná, 1998.

ELEUTÉRIO, M. L. **Vidas de Romance.** As mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (189—1930). Top books: Rio de Janeiro, 2005.

KAMITA, Rosana Cássia. **Resgates e Ressonâncias: Mariana Coelho.** Florianópolis: Editora Mulheres, 2005.

HOBBSAWM, E. J. **A era dos impérios.** 1875-1914. Editora Paz e Terra: São Paulo, 2001.

LEITE, M. L. M. **Outra face do feminismo:** Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984.

MARACH, C. B. **Inquietações Modernas: Discurso Educacional e Civilizacional no periódico A Escola (1906-1910).** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, 2007.

NOVAIS, F. A.; SEVCENKO, N. **A história da vida privada no Brasil.** Vol. 3 República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

POMBO, J. F. R. **O Paraná no Centenário.** (1500-1900). Rio de Janeiro: José Olympio. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Estado do Paraná, 1980.

PLAISANT, A. C. **Scenário Paranaense.** Descrição geográfica, políticas e histórica do Estado do Paraná. Curitiba: Typographia de A República, 1908.

PERROT, Michelle & DUBY, Georges (orgs.). **As Mulheres e a História.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão:** tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983.

TRINDADE, E. M. C. **Clotildes e Marias: mulheres de Curitiba na 1ª República.** Fundação Cultural: Curitiba, 1996.

VIEIRA, C. E. O Movimento pela Escola Nova no Paraná: trajetória e idéias educativas de Erasmo Pilotto. **Educar**, 2001, n. 18, p. 53-73.

FONTES: TEXTOS REFERIDOS DE MARIANA COELHO

O Paraná Mental (1908);

A evolução do feminismo: subsídios para sua história (1933);

Cambiantes (1940);